
EDITORIAL

O presente dossiê da Revista Diálogo Educacional apresenta ao leitor resultados de pesquisas realizadas em Educação Matemática. Dos 13 artigos que integram o dossiê deste número, 12 tratam seus objetos a partir de uma abordagem histórica e trazem a contribuição do olhar histórico de pesquisadores brasileiros, portugueses e espanhóis envolvidos com a produção de conhecimentos acerca da história dessa área de saber. A maioria dos textos apresenta estudos preliminares relativos ao projeto interinstitucional: “A Matemática Moderna nas Escolas do Brasil e de Portugal: estudos históricos comparativos”, coordenado pelo Centro de Ciências e Tecnologia da Pontifícia Universidade de São Paulo e Unidade de Investigação Educação e Desenvolvimento da Faculdade de Ciências e Tecnologia Universidade Nova de Lisboa, em convênio aprovado por GRICE/CAPES em 2005.

Os dois primeiros artigos, assinalando a relevância dos estudos históricos comparativos para o avanço da pesquisa em Educação Matemática, foram escritos pelos coordenadores do projeto luso-brasileiro, José Manuel de Matos e Wagner Rodrigues Valente.

Analisando o cenário da educação matemática portuguesa, José Manuel de Matos sinaliza para a importância da constituição de um novo campo de investigação da Educação Matemática, em que os estudos histórico-culturais possibilitariam conhecimentos ainda não revelados acerca de um passado escolar permeado por dinâmicas relações ocultadas nas visões estereotipadas das práticas tradicionais de Matemática.

Destacando as possibilidades e limites que um estudo comparativo oferece para o rompimento do etnocentrismo acadêmico, Wagner Rodrigues Valente argumenta a favor de uma investigação do Movimento da Matemática Moderna (MMM), que busque *as incomparáveis*, em que o olhar comparativo possa descrever, de forma inteligível, os gestos e ações que construíram a história da disciplina escolar Matemática, a partir das indagações das diferentes formas de apropriação utilizadas pelos agentes escolares. Trata-se, segundo o autor, do propósito de preencher lacunas históricas deixadas pelas investigações de práticas e movimentos que marcaram intensamente a história da educação matemática em diferentes tempos e espaços.

Elizabete Zardo Burigo examina os discursos de protagonistas paulistas do Movimento da Matemática Moderna, argumentando que as diferentes práticas e visões sobre o ensino e a aprendizagem da matemática moderna neles presentes são aspectos relevantes para a compreensão do alcance desse movimento no Brasil em termos de mobilização de professores e difusão de propostas renovadoras indispensáveis à formação científica e técnica da população.

Utilizando o conceito documento/monumento do historiador Le Goff, o artigo de Maria Célia Leme da Silva discute as possíveis interpretações de uma cronologia do Movimento da Matemática Moderna. A compreensão dos fatos que possibilitaram a difusão do MMM requer, segundo a pesquisadora, a transformação da cronologia, de monumental a documental, elemento fundamental para a escrita de uma nova história da educação matemática.

Flávia Soares argumenta a favor do potencial da imprensa na constituição de fontes históricas do MMM, sinalizando para a necessidade de um olhar crítico para as notícias veiculadas nos jornais do país na difusão do movimento.

Questionando possibilidades e limites da herança deixada pelo MMM nas práticas pedagógicas, Maria Cristina Araújo de Oliveira elabora uma reflexão crítica de fatos relacionados à formação do professor de Matemática ao tempo da inserção das idéias centrais do movimento no currículo escolar de Matemática.

Os três artigos seguintes narram as singularidades das formas de difusão do Movimento da Matemática Moderna em diferentes regiões do Brasil e revelam faces de distintas

culturas escolares em seus processos de recepção ao movimento que transformou o ensino de Matemática nas décadas de 1960 e 1970. Valendo-se de documentação, localizada em arquivos escolares e pessoais, além de testemunhos de protagonistas de um remoto passado escolar, os textos apontam aspectos importantes para uma preliminar análise comparativa da apropriação regional do MMM.

Arlete de Jesus Brito, Josefa Poliana Clementino Ferreira e Sabrina Susan Lucena Cruz mostram as diferenças de percurso do MMM no Rio Grande do Norte em relação ao caminho percorrido por outros estados brasileiros. Examinando documentos escolares, as autoras informam a chegada tardia do MMM (1966) naquele estado e destacam o papel determinante do IMURN (Instituto de Matemática da URN) na preparação dos professores para a inclusão das idéias do movimento no curso de Matemática.

Maria Cecília Bueno Fischer sublinha, na sua reflexão, a bem-sucedida inserção do MMM, no Rio Grande do Sul, pelo dinâmico trabalho realizado pelo GEEMPA, com as classes-piloto, articulando um processo coletivo de ensino e pesquisa que envolvia a universidade e a escola básica.

A memória do movimento paranaense de Matemática Moderna é narrada por Neuza Bertoni Pinto e Ana Célia Costa Ferreira a partir do papel desenvolvido pelo NEDEM (Núcleo de Difusão e Ensino da Matemática), cujas ações, desencadeadas por seus integrantes em prol da difusão das idéias modernas do movimento naquele estado, expressam o forte espírito de equipe do grupo paranaense, especialmente pela relação mantida com a comunidade educacional, fator determinante na disseminação do movimento em nível local.

A pesquisadora Helena Castanheira Henriques aborda a presença do feminino na história da educação matemática portuguesa, ressaltando que até o século XVIII o ensino superior de Matemática, apesar de não ser vedado às mulheres, preparava os alunos para profissões exclusivamente masculinas.

Filipe Papança, pesquisador português, aprofunda o artigo anterior mostrando o papel das escolas militares na formação dos grandes matemáticos e a adequação da disciplina Matemática, eixo central das academias militares, para o alcance das finalidades do estado.

Maria Teresa González Astudillo, descrevendo formas de análise de livros didáticos espanhóis, nas perspectivas sociocultural, epistemológica e didática, oferece uma significativa contribuição à pesquisa da história da educação matemática ao discutir os sistemas simbólicos de representação utilizados pelos matemáticos dos séculos XVII e XVIII.

Finalizando o dossiê, especialmente dedicado aos educadores matemáticos, Zélia Milléo Pavão apresenta apontamentos significativos para a formação atual do professor-educador matemático, ao considerar a Licenciatura como momento propício para repensar a formação dos futuros professores e a universidade como espaço de produção de saberes e de comprometimento com a formação docente.

Agradecendo a colaboração dos pesquisadores para a publicação desta edição, esperamos que esse dossiê contribua para a ampliação do debate e do avanço dos estudos históricos da disciplina Matemática.

Na parte diversificada, o Editor propôs os seguintes textos para este décimo oitavo número da Revista DIÁLOGO EDUCACIONAL: *Considerações sobre práticas de sala de aula no ensino de ciências: uma abordagem comparativa*, de Marcelo Maia Cirino; *Paradigmas da ciência e o desafio da educação brasileira*, de Débora Toniolo Rau; Roseane Dalpiaz Kobren; Daianne Breailo e Marilda Aparecida Behrens e *O conhecimento e a leitura fecundam a terra livre*, de Marta Moraes da Costa.